



AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

LISA KLEYPAS

Uma noite
INESQUECÍVEL



PRÓLOGO

Era uma vez quatro jovens que compareciam a todos os bailes, recepções e festas da temporada londrina, mas sempre ficavam deslocadas. Passavam noite após noite deixadas de lado, sentadas em cadeiras à parte. Assim, as Flores Secas, como se autodenominavam, começaram a conversar. E perceberam que, embora estivessem disputando os mesmos cavalheiros, mais ganhariam tornando-se amigas que adversárias. E mais do que isso, elas perceberam que gostavam umas das outras. Então decidiram unir forças para arrumarem um marido, começando pela mais velha, Annabelle, e continuando até a mais nova, Daisy.

Annabelle era, sem dúvida, a mais bela das quatro, mas praticamente não tinha dinheiro algum, o que a deixava em maior desvantagem. A maioria dos rapazes solteiros de Londres desejava uma esposa de rosto bonito, mas geralmente se contentava com um belo dote.

Evie era atraente de um jeito não convencional, com seu cabelo flamejante e suas sardas abundantes. Todos sabiam que um dia herdaria uma fortuna do pai. No entanto, a péssima fama de seu progenitor – um ex-pugilista de origem simples que agora comandava uma casa de jogos – era um obstáculo difícil de superar. Para piorar, Evie era gaga e terrivelmente tímida. Todos os homens que tentavam conversar com ela depois descreviam a tentativa como uma verdadeira tortura.

Lillian e Daisy eram irmãs, vindas de Nova York. Sua família, os Bowmans, era dona de uma fortuna incalculável, resultado de seus investimentos em uma empresa de fabricação de sabão. Não tinham antepassados importantes, desconheciam regras de etiqueta e não possuíam padrinhos na alta sociedade. Lillian era uma amiga amorosa, mas também decidida e mandona. E Daisy era uma sonhadora que muitas vezes se frustrava por não achar a vida real tão interessante quanto a narrada nos romances que devorava.

Consolando-se e apoiando-se mutuamente a cada dificuldade, tristeza ou alegria, as Flores Secas enfrentaram os perigos da sociedade londrina. Todas se casaram – e, com isso, o indesejado apelido caiu no esquecimento.

Mas a cada temporada surgiam novas Flores Secas. (Naquela época,

como agora, sempre havia garotas ignoradas por cavalheiros que deveriam se esforçar, e muito, para serem mais sensíveis.)

Então chegou o Natal em que Rafe Bowman, o irmão mais velho de Lillian e Daisy, veio para a Inglaterra. Depois disso, a vida de uma Flor Seca londrina nunca mais seria a mesma...

CAPÍTULO 1

Londres, 1845

— **É** oficial – disse Lillian, lady Westcliff, com satisfação, deixando de lado a carta de seu irmão. – Rafe chegará a Londres daqui a 15 dias. E o nome do barco é *Furacão*, o que eu acho bastante apropriado em função do seu noivado iminente.

Ela olhou para Annabelle e Evie, que estavam no chão do salão trabalhando em um enorme círculo de veludo vermelho. Haviam se reunido em Marsden Terrace, a casa londrina de Lillian, para uma tarde de chá e conversa.

No momento, Annabelle e Evie faziam uma saia de árvore, ou melhor, tentavam salvar o tecido das tentativas anteriores de Lillian. Evie estava cortando um pedaço de fita de brocado que tinha sido costurada de maneira irregular de um lado, enquanto Annabelle se ocupava cortando uma nova borda de tecido e prendendo-a.

A única ausente era a irmã mais nova de Lillian, Daisy, que tinha ido morar recentemente em Bristol com o marido. Annabelle estava ansiosa para ver Daisy e saber se estava feliz com o casamento. Ainda bem que todas estariam reunidas em breve para o Natal em Hampshire.

– Você acha que seu irmão terá alguma dificuldade em convencer lady Natalie a se casar com ele? – perguntou Annabelle, franzindo a testa ao notar uma mancha grande e escura no tecido.

– Ah, não, de jeito nenhum – disse Lillian, despreocupada. – Ele é bonito, charmoso e muito rico. A que lady Natalie poderia se opor, além do fato de ele ser americano?

– Bem, Daisy disse que ele adora uma farra. E algumas jovens podem não...

– Bobagem – interrompeu Lillian. – Rafe não é nem um pouco farrista. Ah, ele já fez algumas bobagens, mas que homem nunca aprontou nada?

Annabelle não pareceu muito convencida. Embora Daisy, a irmã mais nova de Lillian, fosse considerada sonhadora e romântica, ela também demonstrava um pragmatismo realista que tornava seus julgamentos bastante confiáveis. Se Daisy dissera que o irmão mais velho delas era um farrista, sua afirmação certamente se baseava em indícios fortes.

– Ele bebe e joga? – perguntou Annabelle a Lillian.

Ela franziu a testa com ar cauteloso.

– Às vezes.

– Ele se comporta de maneira rude ou imprópria?

– Ele é um Bowman.

– Ele corre atrás de mulheres?

– É claro.

– Ele já foi fiel a alguma mulher? Já se apaixonou?

Lillian continuou com a testa franzida.

– Não que eu saiba.

Annabelle olhou para Evie com as sobrancelhas arqueadas.

– O que você acha, Evie?

– Farrista – veio de pronto a resposta.

– Ah, tudo bem – resmungou Lillian. – Suponho que ele seja um pouco farrista. Mas isso não pode ser um impedimento para sua corte a lady Natalie. Algumas mulheres gostam de farristas. Veja só Evie.

Evie continuou a cortar obstinadamente a fita de brocado, enquanto um sorriso curvava seus lábios.

– Eu não g-gosto de *todos* os farristas – gaguejou ela, com o olhar fixo no seu trabalho. – Só de um.

Evie, a mais gentil de todas e dona da voz mais suave, era a que parecia ter menos chances de conquistar o coração do notório lorde St. Vincent, o farrista-mor. Embora possuísse uma beleza rara e pouco convencional, marcada pelos seus olhos azuis arredondados e pelo seu cabelo ruivo, Evie era muito tímida. E ainda havia a gagueira. Mas ela também tinha uma reserva serena de força e um espírito valente que pareciam ter seduzido seu marido.

– E esse ex-farrista obviamente adora você mais que tudo – disse Annabelle. Ela fez uma pausa, observando Evie com muita atenção antes de perguntar de maneira delicada: – St. Vincent está feliz com o bebê, querida?

– Ah, sim, ele... – Evie parou de falar e encarou Annabelle com os olhos arregalados de surpresa. – Como você sabia?

Annabelle sorriu.

– Notei que todos os seus vestidos novos têm pregas na frente e atrás que podem ser afrouxadas à medida que sua barriga aumentar. Isso entregou logo, querida.

– Você está grávida? – perguntou Lillian, deixando escapar um grito de alegria quase infantil. Levantou-se do sofá e sentou-se no chão ao lado de Evie, passando os longos braços em torno dela. – Isso é uma *grande* novidade! Como você está se sentindo? Ficou enjoada?

– Bastou ver o que você fez com a saia da árvore e meu estômago embrulhou... – disse Evie, rindo do entusiasmo da amiga.

Muitas vezes era difícil lembrar que Lillian era uma condessa. Sua natureza espontânea não tinha sido nem um pouquinho domada por sua nova proeminência social.

– Ah, você não deveria estar no chão! – exclamou Lillian. – Aqui, dê-me a tesoura e deixe que eu trabalhe nisso...

– Não! – disseram Evie e Annabelle ao mesmo tempo.

– Lillian, querida – prosseguiu Annabelle com firmeza –, não se aproxime dessa saia. O que você faz com uma linha e uma agulha devia ser considerado um ato criminoso.

– Eu tento – protestou Lillian com um sorriso torto, voltando a calçar os sapatos de salto alto. – Começo cheia de boas intenções, mas então me canso de fazer aquele monte de pontos minúsculos e me apresso. Só que *precisamos* de uma saia de árvore, e uma bem grande. Ou não haverá nada para aparar os pingos de cera quando as velas da árvore estiverem acesas.

– Você se importaria em me dizer que mancha é essa aqui? – perguntou Annabelle, apontando para uma nódoa feia e escura no veludo.

Lillian, sem graça, abriu um sorriso.

– Pensei que talvez pudéssemos deixar essa parte para trás. Derramei um copo de vinho aí.

– Você estava bebendo enquanto costurava? – perguntou Annabelle, pensando que isso explicava muita coisa.

– Esperava que me ajudasse a relaxar. Costurar me deixa nervosa.

Annabelle lhe lançou um sorriso de curiosidade.

– Por quê?

– Porque me faz lembrar de todas as vezes que minha mãe ficava perto de mim enquanto eu fazia meus bordados. Sempre que eu cometia um erro, ela batia nos meus dedos com uma régua. – Lillian abriu um sorriso sem graça, dessa vez sem nenhum sinal de alegria nos seus vívidos olhos castanhos. – Eu era uma criança terrível.

– Você era uma criança adorável, tenho certeza – disse Annabelle.

Ela nunca soubera direito como Lillian e Daisy Bowman tinham se saído tão bem, considerando a sua criação. Thomas e Mercedes Bowman de alguma forma conseguiam ser exigentes, críticos e negligentes – o que era uma façanha e tanto.

Três anos antes, os Bowmans haviam levado suas duas filhas para Londres depois de constatarem que nem mesmo sua grande fortuna era suficiente para fazer com que elas se casassem com alguém da alta sociedade de Nova York.

Em uma combinação de trabalho duro, sorte e uma frieza indispensável, Thomas Bowman havia criado uma das maiores saboarias do mundo – e sua empresa crescia com uma rapidez impressionante. Agora que o sabão estava se tornando acessível para as massas, as fábricas de Bowman em Nova York e Bristol mal conseguiam dar conta da demanda.

No entanto, era preciso mais do que dinheiro para se conseguir um lugar na sociedade de Nova York. Herdeiras de famílias não tradicionais, como Lillian e Daisy, não eram nada desejáveis para os rapazes que também buscavam se casar. Portanto, Londres, com seu grupo cada vez maior de aristocratas empobrecidos, era um terreno fértil para que novos-ricos americanos corresse atrás de casamentos.

Com Lillian, ironicamente, os Bowmans haviam atingido sua maior conquista ao casarem-na com Marcus, lorde Westcliff. Ninguém acreditaria que o poderoso e reservado conde se uniria em matrimônio a uma garota determinada como Lillian. Mas Westcliff conseguira ver por trás da aparência firme de Lillian a vulnerabilidade e o coração apaixonado que ela tentava tanto esconder.

– Eu era uma peste – disse Lillian francamente –, e Rafe também. Nossos outros irmãos, Ransom e Rhys, sempre foram um pouco mais bem-comportados, embora isso não fosse um grande mérito. E Daisy acabava se metendo nas minhas confusões, mas, na maioria das vezes, ela sonhava acordada e vivia no mundo dos livros.

– Lillian – disse Annabelle, enrolando cuidadosamente uma fita –, por que seu irmão concordou em se encontrar com lady Natalie e os Blandfords? Está mesmo pronto para se casar? Ele precisa do dinheiro ou quer agradar seu pai?

– Não tenho certeza – respondeu Lillian. – Não acho que seja por dinheiro. Rafe fez fortuna com especulações em Wall Street, algumas ligeiramente inescrupulosas. Suspeito que ele possa enfim ter se cansado de entrar em desavença com papai. Ou talvez... – Ela hesitou, e sua expressão se tornou um pouco sombria.

– Talvez...? – indagou Evie calmamente.

– Bem, Rafe exhibe uma fachada muito tranquila e despreocupada, mas nunca foi muito feliz. Mamãe e papai foram terríveis com ele. Com todos nós, na verdade. Nunca nos deixavam brincar com quem consideravam inferior a nós. E eles consideravam *todo mundo* inferior a nós. Os gêmeos tinham um ao outro, e é claro que Daisy e eu estávamos sempre juntas. Mas Rafe vivia sozinho. Papai queria que ele fosse um garoto sério e por isso o mantinha isolado das outras crianças. Ele nunca podia brincar ou fazer qualquer coisa que papai considerasse frívola.

– Então ele acabou se rebelando – disse Annabelle.

Lillian deu um breve sorriso.

– Ah, sim. – Seu semblante se fechou. – Mas agora eu me pergunto... O que acontece quando um jovem está cansado de ser sério, e também cansado de se rebelar? Que opções ele tem depois disso?

– Parece que vamos descobrir.

– Quero que ele seja feliz – disse Lillian. – Que encontre alguém com quem se importe.

Evie observou-as pensativamente.

– Alguém já conheceu lady Natalie? Sabemos alguma coisa sobre seu caráter?

– Eu não a conheço – admitiu Lillian –, mas ela tem uma reputação maravilhosa. É uma menina superprotegida que foi apresentada à sociedade no ano passado e despertou muito interesse. Ouvi dizer que é adorável e extremamente bem-educada. – Então fez uma pausa e uma expressão estranha. – Rafe vai apavorá-la. Sabe lá Deus por que os Blandfords estão interessados no casamento. Deve ser porque precisam do dinheiro. Papai pagaria qualquer coisa para trazer mais sangue azul para a família.

– Gostaria que pudéssemos falar com a-alguém que a c-conheça – sus-

surrou Evie. – Alguém que pudesse aconselhar seu irmão, dar-lhe dicas sobre o que ela gosta, suas f-flores favoritas, esse tipo de coisa.

– Ela tem uma acompanhante – sugeriu Lillian. – Uma prima pobre chamada Hannah alguma coisa. Quem sabe poderíamos convidá-la para tomar um chá antes de Rafe conhecer lady Natalie?

– Acho que é uma ideia esplêndida! – exclamou Annabelle. – Ainda que ela fale pouco sobre lady Natalie, já poderia ser de grande ajuda para Rafe.



– Sim, você deve ir – disse, enfático, lorde Blandford.

Hannah estava diante dele na sala de visitas dos Blandfords, em Mayfair. Era uma das menores e mais antigas casas do elegante bairro residencial, em um pequeno terreno perto do Hyde Park, a oeste.

Composta de belas praças e vias bem amplas, Mayfair era o lar de muitas famílias nobres. Mas na última década surgiram novas construções, mansões grandes demais e imponentes casas em estilo gótico que se ergueram no norte, onde os novos-ricos se instalaram.

– Faça tudo que puder para facilitar uma ligação entre minha filha e o Sr. Bowman – prosseguiu Blandford.

Hannah olhou para ele incrédula. Lorde Blandford sempre fora um homem de discernimento e distinção. Mal podia acreditar que ele fosse querer que Natalie, sua única filha, se casasse com o filho de um rústico industrial americano. Era uma moça linda, educada e bastante madura para seus 20 anos. Poderia ter qualquer homem que escolhesse.

– Tio – disse Hannah com cuidado –, eu jamais ousaria questionar seu julgamento, mas...

– Mas você quer saber se eu perdi o juízo? – perguntou ele, que riu quando ela disse que sim. Então ele indicou a poltrona estofada do outro lado da lareira. – Sente-se, querida.

Eles não costumavam ter oportunidade de conversar a sós. Mas lady Blandford e Natalie estavam visitando um primo que adoecera, e ficara decidido que Hannah permaneceria em Londres para preparar as roupas e os itens pessoais de Natalie para o feriado que se aproximava, em Hampshire.

Olhando fixamente para o rosto sábio e amável do homem que tinha sido tão generoso com ela, Hannah lhe perguntou:

– Posso falar francamente, tio?

Os olhos dele brilharam.

– Achei que você fosse sempre franca, Hannah.

– Sim, bem... Foi por educação que lhe mostrei o convite de lady Westcliff para o chá, mas eu não tinha a intenção de aceitá-lo.

– Por que não?

– Porque só há um motivo para elas terem me convidado: conseguir informações sobre Natalie, e também para me impressionarem com todas as supostas virtudes do Sr. Bowman. E, tio, é claro que o irmão de lady Westcliff não é nem de longe bom o suficiente para Natalie!

– Parece que ele já foi julgado e condenado – disse lorde Blandford com suavidade. – Você é sempre tão severa com os americanos, Hannah?

– Não é por ele ser americano – protestou Hannah. – Ao menos isso não é culpa dele. Mas sua cultura, seus valores, seus anseios são completamente estranhos para alguém como Natalie. Ela nunca poderia ser feliz com ele.

– Anseios? – perguntou Blandford, erguendo as sobrancelhas.

– Sim, por dinheiro e poder. E, embora ele seja uma pessoa importante em Nova York, não tem posição aqui. Natalie não está acostumada a isso. É uma união estranha.

– Você está certa, é claro – disse Blandford, surpreendendo-a.

Ele se recostou em sua cadeira, entrelaçando os dedos magros. Blandford era um homem agradável, de rosto tranquilo. Sua cabeça era grande e bem-proporcionada – a pele careca, bem firme em volta de seu crânio, despencava em pregas mais frouxas em torno dos olhos, bochechas e papada. Seu corpo tinha uma constituição magra e ossuda, como se a natureza tivesse se esquecido de entremeá-lo com a quantidade necessária de músculos para sustentar seu esqueleto.

– É uma união estranha em alguns aspectos – continuou Blandford. – Mas pode ser a salvação de futuras gerações da família. Minha querida, você é praticamente uma filha para mim, então falarei sem rodeios. Não há nenhum filho para herdar o título depois de mim, e não vou deixar Natalie e lady Blandford sujeitas à questionável generosidade do próximo lorde Blandford. Preciso cuidar delas. Para meu profundo pesar, não terei como deixar uma renda satisfatória para as duas, já que a maior parte do dinheiro e das terras dos Blandfords é inalienável.

– Mas há ingleses ricos que adorariam se casar com Natalie. Lorde Travers,

por exemplo. Ele e Natalie têm grande afinidade, e ele tem recursos abundantes a seu dispor...

– Recursos *aceitáveis* – corrigiu Blandford calmamente. – Não abundantes. E nada parecido com o que Bowman tem agora, isso sem mencionar sua futura herança.

Hannah estava perplexa. Ao longo de todos os anos de convivência com lorde Blandford, ele nunca externara uma preocupação sequer com a riqueza. Não era algo comum entre os homens de sua posição, que desdenhavam conversas sobre finanças por considerá-las burguesas e deslechantes. O que provocara essa preocupação com o dinheiro?

Ao perceber a expressão no rosto de Hannah, Blandford sorriu, melancólico.

– Ah, Hannah. Como posso lhe explicar isso? O mundo está mudando rápido demais para homens como eu. Há muitas maneiras novas de se fazerem as coisas. Antes que eu consiga me adaptar ao novo modo de fazer algo, tudo muda novamente. Dizem que em pouco tempo a ferrovia cobrirá cada hectare verde da Inglaterra. As massas terão sabão, comida enlatada e roupas prontas, e a distância entre nós e eles ficará bem pequena.

Hannah ouvia com atenção, ciente de que ela, sem fortuna e nascida em uma família não tradicional, estava exatamente na linha entre a classe de Blandford e “as massas”.

– E isso é uma coisa ruim, tio?

– Não de todo – respondeu Blandford, após um longo momento de hesitação. – Embora eu lamente que o sangue e a nobreza estejam passando a significar tão pouco. O futuro está diante de nós, e pertence a alpinistas sociais, como os Bowmans. E a homens como lorde Westcliff, que estão dispostos a sacrificar o que for necessário para acompanhar o ritmo de todas essas mudanças.

O conde de Westcliff era cunhado de Raphael Bowman. Vinha possivelmente da linhagem mais distinta da Inglaterra, com sangue mais azul do que o da própria rainha. E, no entanto, era conhecido como progressista, tanto política quanto financeiramente. Entre seus muitos investimentos, Westcliff fizera fortuna a partir do crescimento da indústria ferroviária, e era famoso pelo seu grande interesse em assuntos mercantis. Tudo isso enquanto a maioria dos membros da nobreza ainda estavam satisfeitos em garantir seus lucros a partir da tradição centenária de ter inquilinos em suas terras.

– Então o senhor almeja uma conexão com lorde Westcliff, assim como com os Bowmans – disse Hannah.

– Claro. Isso garantirá à minha filha uma posição muito especial: casar-se com um americano rico e ter um cunhado como Westcliff. Como esposa de um Bowman, ela se sentará na parte menos nobre da mesa... mas será a mesa de Westcliff, e isso não é pouca coisa.

– Entendo – disse ela, pensativa.

– Mas não concorda?

Não. Hannah estava longe de se convencer de que sua amada Natalie deveria se contentar com um homem bronco e grosseirão como marido, só para ter lorde Westcliff como cunhado. No entanto, ela certamente não contestaria a decisão de lorde Blandford. Pelo menos não em voz alta.

– Acato sua sabedoria, tio. Mas espero que as vantagens, ou desvantagens, desta união se revelem rapidamente.

Ele deixou escapar uma risada silenciosa.

– Mas que diplomata você é. Sua mente é bastante astuta, minha querida. Provavelmente mais astuta que o necessário para uma jovem. Melhor ser bonita e cabeça oca, como minha filha, do que não ter grandes atrativos e ser inteligente.

Hannah não se ofendeu, embora pudesse ter questionado as duas colocações. Em primeiro lugar, sua prima era qualquer coisa menos cabeça oca. No entanto, Natalie sabia que não devia ficar exibindo sua inteligência, já que não era uma qualidade que atraísse pretendentes.

E Hannah não se considerava sem graça. Tinha cabelo castanho, olhos verdes, um belo sorriso e um rosto bem razoável. Se pudesse usar roupas e enfeites bonitos, Hannah estava certa de que muitos a achariam bem atraente. Tudo dependia dos olhos de quem via.

– Vá tomar chá em Marsden Terrace – disse lorde Blandford, sorrindo.
– Plante as sementes do romance. Uma união precisa acontecer. E, como o poeta tão acertadamente disse: “É preciso que o mundo se povoe.” – Ele olhou para ela com expressão séria. – E depois que conseguirmos casar Natalie, sem dúvida você encontrará seu próprio pretendente. Tenho minhas suspeitas com relação a você e o Sr. Clark, sabe?

Hannah sentiu o rosto corar. Durante o ano anterior, ela havia assumido algumas pequenas tarefas como secretária de Samuel Clark, amigo íntimo e parente distante de lorde Blandford. E Hannah alimentara algumas es-

peranças secretas em relação àquele solteiro atraente, de cabelo claro e não muito mais velho do que ela. Mas talvez suas esperanças não fossem tão secretas quanto pensara.

– Certamente não sei o que quer dizer, tio.

– Tenho certeza de que sabe, sim – disse ele, e riu. – Tudo a seu tempo, minha querida. Primeiro vamos garantir um futuro satisfatório para Natalie. E então será a sua vez.

Hannah sorriu para ele, guardando os pensamentos para si mesma. Mas em seu íntimo ela sabia que sua definição de um “futuro satisfatório” para Natalie não era exatamente a mesma que a dele. Natalie merecia um homem que seria um marido amoroso, responsável e digno de confiança.

E Rafe Bowman teria de provar ser esse homem.

CAPÍTULO 2

– **C**orrendo o risco de parecer arrogante, acho que não preciso de conselhos sobre como cortejar uma mulher – disse Rafe, que chegara de Londres no dia anterior.

E agora, enquanto Westcliff estava fora, visitando a fábrica de locomotivas da qual era sócio, Rafe imaginava que deveria tomar um chá com Lillian e suas amigas.

Certamente ele preferiria visitar a fábrica de locomotivas, já que era filho de um industrial e sempre se encantava por novas máquinas e aparelhos. Por outro lado, Lillian lhe pedira para ficar, e ele nunca conseguira lhe recusar nada. Adorava as irmãs, que, na sua opinião, eram as melhores coisas que seus pais haviam feito.

— A Srta. Appleton não vai lhe dar conselhos – rebateu Lillian, bagunçando o cabelo dele carinhosamente. – Nós a convidamos para o chá para que ela possa nos contar mais sobre lady Natalie. Achei que você gostaria de saber mais sobre sua futura noiva.

– Isso ainda está em aberto – disse Rafe, irônico. – Mesmo que eu queira me casar com ela, ainda caberá a lady Natalie decidir se vai me aceitar.

– E é por isso mesmo que você vai ser tão encantador que a Srta. Appleby vai voltar para casa correndo dizendo maravilhas a seu respeito para lady Natalie. – Lillian fez uma pausa e fingiu um olhar ameaçador. – Não vai?

Rafe sorriu para a irmã enquanto embalava a filha dela, Merritt, de oito meses, nas coxas. A bebê tinha cabelo escuro e olhos castanhos como os pais, além de bochechas rosadas e mãos pequenas e ávidas. Depois de arrancar um dos botões do colete de Rafe com um puxão determinado, a bebê tentou colocá-lo na boca.

– Não, querida – disse o tio, tirando o botão do punho úmido e fechado de Merritt, que começou a resmungar em protesto. – Sinto muito – acrescentou ele, comovido com a reação. – Eu também gritaria, se alguém tirasse de mim algo tão gostoso. Mas você pode se engasgar com isso, amor, e sua mãe me deportaria para a China.

– Só se Westcliff não o alcançasse primeiro – disse Lillian, tirando a bebê aos berros das mãos dele. – Calma, querida. Mamãe não deixará o malvado tio Rafe perturbá-la mais.

Ela sorriu e enrugou o nariz de forma travessa enquanto consolava a filha.

O casamento e a maternidade haviam feito bem a Lillian, pensou Rafe. Sua irmã sempre fora uma criatura obstinada, mas agora parecia calma e feliz como ele jamais vira. Ele só podia creditar isso a Westcliff, embora fosse um mistério como um homem tão distinto e autocrático pudesse operar tal mudança em Lillian. Se tivessem que prever, muitos diriam que a dupla se mataria no primeiro mês de casamento.

Depois que a bebê se acalmara e Lillian a entregara a uma babá para que a levasse para o andar superior, Annabelle e Evie chegaram.

Rafe, então, ficou de pé, curvando-se para as damas quando as apresentações foram feitas.

A Sra. Annabelle Hunt, esposa do empresário ferroviário Simon Hunt, era conhecida por ser uma das mulheres mais bonitas da Inglaterra. Era difícil imaginar que alguém pudesse ofuscá-la. Sua beleza era perfeita: cabelo cor de mel, olhos azuis e um rosto puro e angelical. Sua aparência era capaz de tentar qualquer homem e seu sorriso era tão encantador e expressivo que conseguia deixá-lo imediatamente à vontade.

Evie, lady St. Vincent, não era tão acessível. No entanto, Lillian já havia avisado a Rafe que, por ser tímida, muitas vezes Evie era vista como uma pessoa fechada. Ela era adorável de um jeito não convencional, a pele ligei-

ramente sardenta, o cabelo exuberantemente vermelho. Seus olhos azuis, apesar de cautelosos, eram amigáveis, e transpareciam uma vulnerabilidade que tocou Rafe.

– Meu caro Sr. Bowman – disse Annabelle com uma charmosa risada –, eu o teria reconhecido em qualquer lugar, mesmo sem sermos apresentados. Você e Lillian são muito parecidos. Todos os Bowmans são tão altos e têm o cabelo escuro assim?

– Todos menos Daisy – respondeu Rafe. – Receio que nós, os quatro primeiros, crescemos tanto que não sobrou nada para ela quando chegou.

– O que Daisy não tem em altura – disse Lillian –, compensa em personalidade.

Rafe riu.

– Verdade. Quero ver aquela pequena tratante e ouvir de seus próprios lábios que ela se casou com Matthew Swift por vontade própria, e não porque papai a obrigou.

– Daisy ama de verdade o Sr. Swift – disse Evie, séria.

Ao som do seu gaguejar, que era outra coisa sobre a qual Lillian havia lhe alertado, Rafe abriu um sorriso reconfortante.

– Fico feliz em ouvir isso – disse ele gentilmente. – Sempre achei que Swift fosse mesmo um sujeito digno.

– Nunca lhe incomodou papai passar a tratá-lo como um verdadeiro filho? – perguntou Lillian ríspidamente, sentando-se e indicando que os outros fizessem o mesmo.

– Muito pelo contrário – disse Rafe. – Fico feliz com qualquer um ou qualquer coisa que tire a atenção do meu pai de cima de mim. Já sofri o suficiente com o maldito pavio curto do velho por toda a vida. Eu só aturo isso até hoje porque quero ter direito sobre parte da expansão europeia da empresa.

Annabelle parecia perplexa com a franqueza deles.

– Parece que não estamos preocupados com a discrição hoje.

Rafe sorriu.

– Duvido que haja muita coisa sobre os Bowmans que Lillian ainda não tenha lhes contado. Então, por favor, vamos dispensar a discrição e passar aos assuntos que interessam.

– As damas de Londres são um desses assuntos? – perguntou Lillian.

– Com certeza. Fale-me sobre elas.

– São diferentes das de Nova York – advertiu Lillian. – Principalmente

as mais novas. Quando você for apresentado a uma distinta garota inglesa, ela manterá o olhar fixo no chão, e não vai tagarelar e ser efusiva como nós, americanas. As inglesas são muito mais reservadas, e nem um pouco acostumadas à companhia de homens. Portanto, nem pense em discutir negócios, assuntos políticos ou nada do tipo.

– Sobre o que eu posso falar? – perguntou Rafe, apreensivo.

– Música, arte e cavalos – disse Annabelle. – E lembre-se de que as garotas inglesas raramente dão sua opinião sobre qualquer coisa; elas preferem repetir as opiniões dos pais.

– Mas depois que se c-casam – disse Evie –, tornam-se muito mais inclinadas a revelar sua verdadeira personalidade.

Rafe lançou-lhe um olhar irônico.

– E seria muito difícil conhecer o verdadeiro eu de uma garota antes de me casar com ela?

– Quase imp-possível – disse Evie seriamente, e Rafe começou a rir até perceber que não ela estava brincando.

Agora ele começava a entender por que Lillian e suas amigas estavam tentando descobrir mais sobre lady Natalie e sua personalidade. Aparentemente, isso não partiria da própria lady Natalie.

Então, correndo o olhar pelo rosto de Lillian e pelos de Annabelle e Evie, Rafe disse lentamente:

– Agradeço sua ajuda, senhoras. Creio que preciso mais desse encontro do que pensava.

– Quem poderá ajudar mais – disse Lillian – é a Srta. Appleton. É o que esperamos. – Então abriu as cortinas de renda da janela para olhar a rua. – E, se não me engano, ela acaba de chegar.

Rafe se levantou quando a Srta. Appleton chegou ao hall de entrada. Lillian foi cumprimentá-la enquanto um criado recolhia seu casaco e o chapéu. Rafe sabia que deveria estar agradecido pela visita da velha futriqueira, mas só queria mesmo era conseguir arrancar dela, depressa, as informações que desejava para que pudessem logo dispensá-la.

Olhou sem interesse quando a Srta. Appleton entrou. Ela usava um vestido azul sem graça e bem-feito que se via nas criadas mais importantes.

Seu olhar correu até a elegância da cintura dela, as curvas suaves de seus seios, e então para o rosto. E sentiu uma pontada de surpresa ao ver que ela era jovem, e não passava da idade de Daisy. Pela expressão no rosto dela,

via-se claramente que ela, como Rafe, não estava nada contente em ter ido até ali. Mas havia um toque de ternura e humor nas formas suaves da sua boca e uma força delicada no contorno do seu nariz e do seu queixo.

Sua beleza não era fria e imaculada, mas quente e ligeiramente desalinhada. O cabelo castanho, sedoso como uma fita, parecia ter sido preso às pressas. Enquanto tirava as luvas com um puxão firme na ponta de cada dedo, ela olhou para Rafe com seus olhos verdes da cor do oceano.

Aquele olhar não deixou dúvidas de que a Srta. Appleton não o apreciava, nem confiava nele. E nem deveria, pensou Rafe achando graça. Ele não era exatamente conhecido por suas intenções honrosas em relação às mulheres.

Ela se aproximou dele de uma maneira contida que incomodou Rafe por algum motivo. Ao senti-la mais perto ele quis... bem, não sabia bem o que queria fazer, mas poderia começar pegando-a no colo e atirando-a no sofá mais próximo.

– Srta. Appleton – disse Lillian –, gostaria de lhe apresentar meu irmão, o Sr. Bowman.

– Srta. Appleton – murmurou Rafe, estendendo a mão.

A jovem hesitou, seus dedos pálidos se agitando ao lado das saias.

– Ah, Rafe – disse Lillian apressadamente –, isso não se faz aqui.

– Desculpe. – Rafe recolheu a mão, fitando aqueles olhos verdes translúcidos. – O aperto de mão é comum nos salões americanos.

A Srta. Appleton lançou-lhe um olhar especulativo.

– Em Londres, uma simples mesura é melhor – disse ela com uma voz leve e clara que o fez sentir um calor na nuca. – Embora às vezes uma senhora casada possa trocar apertos de mão, as solteiras raramente fazem isso. Aqui isso costuma ser considerado um costume da classe baixa, e algo bastante pessoal, sobretudo quando é feito sem luvas. – Ela o observou por um instante, com um leve sorriso curvando seus lábios. – No entanto, não tenho nenhuma objeção a começar a seguir o costume americano. – E estendeu a mão esguia. – Como se faz?

O calor inexplicável se estendeu da nuca de Rafe para seus ombros. Ele pegou a mão delicada dela na sua, tão maior, surpreso com a pontada em seu abdômen, uma aguda sensação de alerta.

– Um aperto firme – começou ele – geralmente é considerado...

Ele parou, incapaz de falar quando ela, de maneira cautelosa, retribuiu a pressão de seus dedos.

– Assim? – perguntou ela, olhando para seu rosto.

Suas bochechas ficaram rosadas.

– Sim.

Confuso, Rafe se perguntou o que havia de errado com ele. A pressão daquela mão pequena e confiante o afetara mais do que a mais lasciva carícia da sua última amante.

Soltando-a, ele desviou o olhar e lutou para controlar sua respiração.

Lillian e Annabelle trocaram um olhar perplexo diante do silêncio pesado que se estabeleceu.

– Bem – disse Lillian animadamente quando as bandejas de chá foram trazidas –, vamos conversar um pouco. Posso servir?

Annabelle sentou-se no sofá ao lado de Lillian. Rafe e a Srta. Appleton se acomodaram em cadeiras do outro lado da mesa baixa. Durante os minutos seguintes, os rituais do chá foram respeitados. Pratos de torrada e bolinhos foram servidos.

Rafe não conseguia parar de olhar para a Srta. Appleton, que estava sentada bem aprumada em sua cadeira, tomando o chá de maneira polida. Queria tirar os grampos do cabelo dela e passar os dedos por ele. Queria jogá-la no chão. Ela parecia tão distinta, tão certinha, sentada ali com as saias perfeitamente arrumadas.

E isso só o fazia querer ser muito, muito mau.

CAPÍTULO 3

Hannah nunca se sentira tão desconfortável em toda a sua vida. O homem sentado ao lado dela era um animal. Ele a encarava como se ela fosse alguma atração em um parque de diversões. E já confirmara muito do que ela ouvira falar sobre os americanos. Tudo nele revelava um excesso de masculinidade que ela achava bastante desagradável. O jeito desleixado e informal com que ele se sentava fazia com que ela sentisse vontade de chutá-lo.

Seu sotaque de Nova York, as vogais achatadas e as consoantes frouxas, tudo era estranho e irritante. No entanto, tinha de admitir que a voz em si,

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br